

Caminhos a percorrer

Como certa vez afirmou Portinari, “há dois tipos de pintor: um que faz vinte quadros numa tela e outro que faz um quadro em vinte telas (estou neste caso)”, ao encerrar esta tese, é inevitável a pergunta: afinal, qual o retrato possível de Portinari? Penso mais uma vez no verbo *retratar*. Vou ao dicionário em busca de significados que possam ter me escapado. Dentro do universo semântico desta tese, encontro as seguintes acepções: *Retratar*. 1. fazer o retrato de; 2. Reproduzir a imagem de; espelhar, refletir; 3. Representar com exatidão; apresentar tal qual; 4. Deixar transparecer; revelar, mostrar, manifestar; 5. Representar, descrever, reproduzir. Mais adiante, esbarro com *retratar*. “9. Tornar a tratar.” Paro aqui. O ‘novo’ verbo que se apresenta – tratar – chama a minha atenção. Adianto as páginas do dicionário, e encontro o que busco: *Tratar*: aplicar medicamento; curar.

Penso agora nas saudades que Portinari sentia de sua terra, sempre voltando a ela quando precisava descansar, se recuperar, se curar. Imediatamente me vem à lembrança sua carta do *Palaninho*: “...a paisagem onde a gente brincou a primeira vez e a gente com quem a gente conversou a primeira vez não sai mais da gente, e eu quando voltar vou ver se consigo fazer a minha terra”. Desrecalcado, por outros solos, o desejo de pintar a sua terra e a sua gente, Portinari dedicou sua vida à repetição desses temas, a retratar as imagens que o marcaram, que o afetaram, que o comoveram. E, movendo-se através dessa repetição pictórica, versificada, narrada, se retratou, se retraiu, se reescreveu, enfim.

Sua autobiografia, composta por milhares de fragmentos, pode ser lida nos seus versos, no seu diário, nas suas cartas; mas também nos seus quadros, retratos e autorretratos. Se, no dizer de Mário de Andrade, através dos seus retratos Portinari “contou aos homens que são melhores do que são”, através dos seus inúmeros

autorretratos – em letra e em imagem – Portinari narrou para nós a imagem *desejada* de si mesmo. As auto-imagens que compõem essa narrativa refletem o que Portinari disse uma vez de si para Mário de Andrade: “procurei fazer tudo o que via desde menino”.

Como afirmou Philippe Lejeune, falar “autobiografia”, no singular, aterroriza! Melhor é dizer “textos autobiográficos”, no plural. Os *textos autobiográficos* de Portinari também suscitaram em mim mais perguntas do que respostas. Constatação que me alegra e que me motiva a aprofundar esta pesquisa e a indicar outras a futuros pesquisadores. No longo *caminho percorrido* até aqui, acredito que a minha tese possa vir a contribuir, no campo das artes plásticas, para: 1) se pensar o autorretrato como autobiografia; 2) se pensar a necessidade de uma teorização sobre o retrato e o autorretrato nas artes plásticas nacionais; 3) estimular a investigação da produção retratística de outros pintores brasileiros; 4) sugerir o estudo da correspondência de Portinari como fonte de compreensão do modernismo no país.

Já no campo da crítica de arte, especialmente aquela veiculada pela mídia impressa, ainda são necessárias investigações que: 1) resgatem o material publicado em jornais e revistas especializados do Rio de Janeiro do começo do século XX, fonte preciosa para a localização do nascente discurso modernista carioca; 2) recuperem a biografia e os textos desses atores, revitalizando assim o mapeamento do sistema artístico e da intelectualidade cariocas envolvidos na discussão da constituição de uma arte nacional; e 3) reposicionem o Rio de Janeiro no percurso das manifestações modernizantes nas artes, para mensurar a real participação dos artistas locais na criação das condições que propiciaram a mudança dos paradigmas artísticos.

Pós-escrito:

No começo de maio finalmente sonhei com Portinari. Já me sentia angustiada pela demora dessa manifestação onírica que muitos colegas do Doutorado, escrevendo sobre pessoas reais, já haviam experimentado. Eu, às vésperas da defesa, ainda não. Até que ela veio. Do meu sonho, me lembro perfeitamente da sensação de estar na presença de Portinari e de sua esposa, Maria. Éramos amigos, conversávamos animadamente, o ambiente em que nos encontrávamos me era familiar. Acordei feliz. Pressinto que, assim como escreveu Carlos Drummond de Andrade em uma crônica para uma revista, também eu, no meu sonho, estive em casa de Candinho.